

A Cúpula da Rocha



A Cúpula da Rocha, mesquita de grande beleza construída em Jerusalém durante o período omíada é, supostamente, o local - um afloramento de rocha agora oculto por uma cúpula dourada -, onde Abraão teria levado o seu filho Isaac para o sacrifício, por designo divino, conforme conta as Escrituras.

A mesquita, localizada no coração da cidade antiga, é considerada uma das mais belas construções de Jerusalém. A Cúpula da Rocha foi buscar o seu nome na grande rocha – ainda atualmente exposta dentro da Mesquita – que constitui, na verdade, a razão pela qual Jerusalém se proclama Cidade Santa.

A rocha antiga é o Monte Moriah, onde Abraão preparou o sacrifício do seu filho Isaac a Jeová e onde, 1000 anos antes de Cristo, o rei Salomão construiu o primeiro templo. Este foi destruído em 588 a.C. e o único que Jesus conheceu foi o de Herodes, o Grande, muito maior que o de Salomão. Construído na plataforma onde se ergue agora a Cúpula da Rocha, o Templo de Herodes foi o cenário da Purificação de Maria, quando o velho Simeão tomou o Menino Jesus nos braços e proferiu o Nunc Dimittis .

Os Romanos destruíram o Templo de Herodes em 70 d.C ., mas os muçulmanos, quando conquistaram Jerusalém, no século VII, provaram ser mais tolerantes. Maomé assumia-se como sucessor dos profetas do Antigo Testamento e de Jesus, que os muçulmanos veneravam como sendo o profeta Isa. Aceitam o nascimento da Virgem e Maria, que é exaltada tanto no Corão como na prática islâmica. Logo à saída de Jerusalém, na Igreja do Túmulo de Maria, um sinal na parede mostra aos peregrinos o caminho para Meca.

A grande rocha foi o palco da ascensão do profeta Maomé ao Paraíso na sua celebrada «Jornada Noturna», sobre a qual fala o Corão. Era de início mais venerada pelos muçulmanos do que Medina ou Meca. A Cúpula da Rocha foi construída em 691 d.C. pelo califa de Damasco, que mandou cobrir a parte exterior com mosaicos de ouro, substituídos mais tarde, por ordem do turco Otman, por 45.000 azulejos. A Cúpula é atualmente de alumínio, revestido de ouro, e ornamentada com versos do Corão.

Durante os anos 80 verificaram-se várias tentativas de fazer explodir a mesquita, que continua sendo protegida pelas autoridades israelitas.

Alhambra



Todo adjetivo é pouco para expressar a magnitude de Alhambra, situado na cidade de Granada, ao sul da Espanha. O conjunto de edificações ocupado por sucessivos califas por mais de 250 anos (123 a 1492) é a herança mais valiosa da civilização muçulmana na Península Ibérica. Palácio e fortaleza, Alhambra era uma verdadeira cidade real localizada, estrategicamente, na região montanhosa mais alta da cidade. Sua solidez exterior contrasta com o belo conjunto de jardins e fontes. A preocupação de decorar os espaços foi levada ao extremo pelos califas que alia reinaram. Cada coluna, cada fachada, cada canto foi recoberto de detalhes em filigramas e azulejos e exuberante inscrições em árabe.

Cenário de fantásticas históricas

O palácio pode ser dividido em dois grandes núcleos: o selamlik, ou Quarto dos Comares, setor público destinado às questões do estado e aos militares; e o harém, ou Quarto dos Leões, parte privada do palácio, onde vivia a família real. Sua construção teve início no ano de 1231, sob o reinado de Mohammed I, e prosperou com os seus descendentes, que ali reinaram durante 20 gerações. O último deles, Boabdil, foi derrubado pelos reis católicos - Fernando e Isabel - em 1492, que se apropriaram do palácio por muito tempo. Escritores e viajantes inspiraram-se no magnífico palácio para criar histórias fantásticas e misteriosas aventuras - princesas raptadas, heróicos cavaleiros e terríveis vilões.

Jardim Real

Vizinho a Alhambra se encontra o jardim Generalife, erguido em 1319. O local era usado pelos soberanos como lugar de descanso.

Um lugar mágico

O Palácio dos Leões foi construído no reinado de Mohammed V. No seu centro está a famosa fonte com 12 leões de gesso.

Localização

Alhambra situa-se na cidade de Granada, ao Sul da Espanha.

Finalidade

Era o palácio real e um centro de alistamento militar.

Dinastia

Násrida, de 1230 a 1492

■ Angkor Wat



Não são todas as pessoas que podem experimentar a sensação de êxtase da qual desfrutou o explorador francês Henri Mouhot: em 1860, ele descobriu Angkor Wat, um colossal templo hindu do século XII perdido na região de Angkor, hoje pertencente ao Camboja. A construção, estrutura piramidal, tem um complexo de terraços, galerias e pequenos prédios e apresenta como símbolo máximo cinco torres. Os traços de arquitetura e construção são sublimes, ostentando pedras trabalhadas como se fossem madeira. Diferentemente de outros templos, não possui arcos ou abóbadas. Um fosso de 180 metros circunda todo o templo.

Riqueza de detalhes

Entre os séculos IX e XV, Angkor era a capital do Império Khmer e o hinduísmo, a religião de seu povo. Os soberanos que se sucediam no poder consideravam-se reencarnações de divindades e, para homenageá-las, construíram templos. Angkor Wat, o maior deles, foi erguido durante o reinado de Suryavaman II, entre 1113 e 1150, e concebido para receber os restos mortais do imperador, que se identificava com o deus Vishnu. Épicos hindus e fatos da vida de Vishnu e de Suryavaman II foram retratados pelas paredes do templo. Também há esculturas espalhadas por toda a parte e balaústres em forma de serpentes. No século XIV, o império entrou em declínio e, em 1431, Angkor foi totalmente abandonada. Em 1860, Henri Mouhot redescobriu o local. Maravilhado, convenceu as autoridades francesas a realizarem um trabalho de restauração, prejudicado a partir da década de 1970, em razão da violenta guerra civil do país.

Dança e religião

Os relevos de Angkor Wat retratam inúmeras temáticas. Entre elas, dançarinas se exibindo, misturando o profano e o sagrado.

Orgulho nacional

A semelhança entre o desenho na bandeira do Camboja e o Angkor Wat não é gratuita: o templo virou um símbolo do país.

Guerreiros

As epopéias hindus são retratadas em todos os cantos de Angkor Wat, desde os relevos em pedra até apresentações de grupos.

Localização

Cidade de Angkor no Camboja

Tamanho do santuário

1.500 metros x 1.300 metros

■ Arco do Triunfo



Marco das conquistas do exército de Napoleão Bonaparte, o Arco do Triunfo é uma das preciosidades arquitetônicas e históricas mais visitadas do mundo. No coração de Paris, ele é ponto de partida das cerimônias mais importantes que ocorrem na França.

Empolgado após uma esmagadora vitória, o imperador francês Napoleão Bonaparte (1769-1821) prometeu: “você voltarão sob arcos triunfais”. Essa frase, dita por Napoleão aos seus soldados em 1805, foi a chave para a construção de um dos cartões-postais de Paris. Napoleão proferiu essas palavras logo depois da vitória do exército da França sobre as tropas aliadas de Rússia e Áustria na Batalha de Austerlitz - na época uma cidade da Moravia e que hoje se chama Slavkov, no sul da República Tcheca. Ainda que motivada por razões não muito nobres, e com um ligeiro atraso, a promessa foi cumprida: a primeira pedra do Arco do Triunfo foi colocada em 15 de agosto de 1806, mas problemas com o projeto do arquiteto encarregado, Jean Chalgrin, fizeram com que a obra terminasse apenas em 1836, depois de 15 anos da morte do imperador.

Charme e glamour

O Arco do Triunfo, cujo projeto foi inspirado em arcos da Roma Antiga, localiza-se no topo da Champs-Élysées, uma das avenidas mais bonitas e glamourosas do mundo. Em seu interior, maquetes, documentos e desenhos de sua construção estão guardados em um museu. No topo do arco há um terraço, de onde se obtém uma vista mais do que privilegiada de Paris.

Homenagem

Abaixo do Arco encontra-se o Túmulo do Soldado Desconhecido, um símbolo para homenagear as pessoas que são mortas em uma guerra.

Ufanismo

Os relevos espalhados pelo Arco são de incrível habilidade artística e captam fatos das vitórias francesas em guerras.

Localização: Paris, França

Altura: 50 metros

Literatura

Victor Hugo (1802-1885), um dos mais famosos escritores franceses, foi velado sob o Arco do Triunfo.

Brasília



A capital federal do Brasil, considerada uma das metrópoles mais bonitas do mundo, possui uma arquitetura imponente e diferenciada. Nela predomina o equilíbrio em espaços amplos.

As proporções harmoniosas são realçadas por gramados e espelhos d' água que refletem o concreto das obras; e o céu do Planalto Central. Durante muito tempo, Brasília foi apenas um sonho. A cidade de onde partem as decisões que influenciam a vida de mais de 170 milhões de brasileiros tornou-se realidade a partir da posse do presidente Juscelino Kubitschek, em 1956. Uma de suas promessas de campanha era a construção da cidade. Em 1957 foi lançado um concurso internacional para escolher um plano-piloto para a capital. O vencedor foi o arquiteto Lucio Costa, que desenhou Brasília a partir de dois eixos que se cruzam em ângulo reto. Em vez de ruas, ele optou pelas chamadas super-quadras. Os bairros residenciais foram planejados para ter uma infra-estrutura independente e completa. Cada setor - cívico, administrativo, cultural, esportivo, militar, de abastecimento - foi fixado em uma área específica. Do tráfego à arborização, da iluminação aos cemitérios, inúmeros detalhes foram incluídos no projeto - até mesmo a cor dos táxis e dos ônibus que circulariam na cidade. O sonho tornou-se realidade no dia 21 de abril de 1960, quando Brasília foi oficialmente inaugurada.

Grandiosidade e Harmonia

A impressão de que tudo em Brasília é grandioso deve-se principalmente aos edifícios e monumentos de linhas arrojadas, como o Congresso Nacional, o Palácio Alvorada, a Catedral, o Palácio da Justiça, o Memorial JK e o Teatro Nacional. Todos levam a assinatura do arquiteto Oscar Niemeyer, que criou formas despojadas e de incontestável beleza plástica. O paisagismo Burle Marx e os engenheiros Ismael Pinheiro e Bernardo Sayão também contribuíram decisivamente para a edificação da capital. Na Praça dos Três Poderes, a estátua Dois Candangos, criada pelo artista brasileiro Bruno Giorgi, presta uma homenagem singela aos homens e mulheres anônimos que construíram Brasília.

Localização

No Distrito Federal, na região centro-oeste do Brasil.

Título

Patrimônio histórico e cultural da humanidade desde 1987.

População

Cerca de 2 milhões de habitantes.

Castelo de Buda



O movimento lembra uma romaria, turistas subindo ansiosos as rampas fortificadas em direção à entrada principal do Castelo de Buda. Quando chegam, 60 metros acima do rio Danúbio, deixam escapar expressões de espanto e admiração: olhando-se para um lado, o conjunto barroco impressiona o mais insensível dos mortais. Virando-se para o outro, o visitante se depara com uma vista panorâmica da atual Budapeste, capital da Hungria. Apesar de o país não viver mais seus dias gloriosos, o castelo é uma das melhores recordações daqueles tempos. Em 1242, o rei húngaro Bela IV ordenou a construção de uma fortificação sobre uma colina de frente para o Danúbio. Era o início do castelo de Buda, um dos mais majestosos de toda a Europa. Com o tempo, os soberanos húngaros anexaram novas alas ao forte, incluindo um palácio real. Ao redor do forte florescia a cidade de Buda. Perto dela, surgia a cidade de Óbuda. E do outro lado do Danúbio, Peste tomava forma.

Unificação das cidades

A partir do século XVI, quando os turcos invadiram a Hungria, o Castelo de Buda foi arrasado diversas vezes e reconstruído outras tantas. Sua forma atual lembra a dos séculos XVIII e XIX.

A maior parte dos seus 203 cômodos é hoje ocupada pela Biblioteca Nacional e por vários museus, onde há obras de arte e esculturas de diversos períodos. No subsolo, um labirinto de cavernas do século XIV esconde uma cidade subterrânea que já chegou a servir de refúgio à sua população. Em 1873, as três cidades próximas ao castelo foram unificadas sob o nome de Budapeste, tendo como símbolo um castelo para seus habitantes se orgulharem e os visitantes contemplarem.

Labirintos

Estas formações naturais sob o castelo serviram de depósito de mantimentos durante cercos inimigos e de esconderijo em várias guerras.

Localização

Budapeste, capital da Hungria

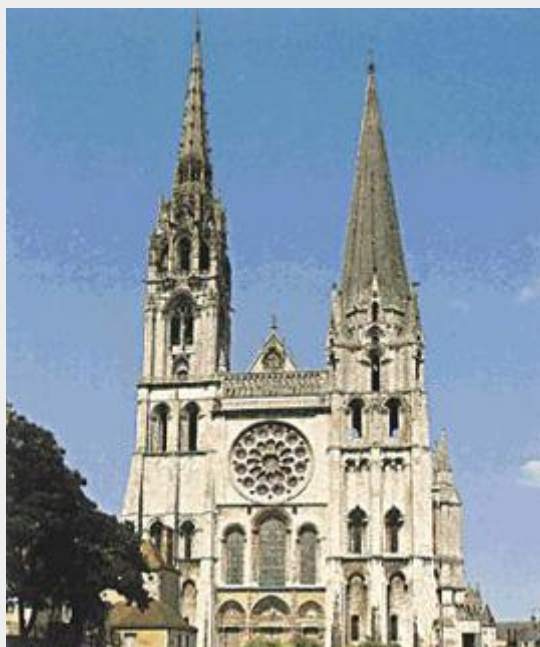
Cidade no subsolo

As cavernas subterrâneas somam cerca de 10 km de extensão

Cultura

A Biblioteca Nacional, no interior do Castelo, tem 4 milhões de volumes

Catedral de Chartre



A Catedral de Chartre , em estilo gótico, foi construída sobre um templo pagão, onde era venerada uma divindade céltica. Neste local sagrado, os druidas se concentravam para realizar seus rituais religiosos.

Chartres é absolutamente linda. Cada pedra guarda histórias e misticismos que desafiam a curiosidade de historiadores e estudiosos.

Localizada no Vale do Loire , a 1 hora de Paris, Chartres , cuja construção começou em 1020, ostenta o título de maior catedral gótica da Europa e a mais antiga, tendo se convertido em um dos principais santuários de adoração do mundo.

Chartres é também famosa pela sua coleção de vitrais. São mais de 150, que retratam passagens bíblicas e cenas do cotidiano do século XIII. A maior parte deles são oriundos dos séculos XII e XIII. Durante a Segunda Guerra Mundial, os vitrais foram desmontados, um por um, e guardados em lugar seguro.

Os vitrais possuem luminosidade, brilho e cores impressionantes, principalmente em dias ensolarados e conforme a posição do sol. São 160 janelas com vitrais ilustrando a vida e as histórias de santos, com cerca de 5000 personagens e uma imensa rosácea que retrata o juízo final.

O coro da Igreja feita em pedra, tem entalhes cênicos retratando a vida de Cristo e da Virgem Maria, e foram executados a partir de 1540. O piso de pedra é levemente inclinado para facilitar a limpeza, pois os peregrinos se alojavam por dias dentro da Igreja. Perto da porta

oeste há um desenho de labirinto (Dédalo) no piso, ao que muitos atribuem um significado esotérico.

O nome Chartres remonta da palavra “ Carnatum ” , nome da gruta sagrada onde os celtas veneram a imagem de uma mulher com o filho no colo, que os cristão atribuíram à representação da Virgem.

Catedral de Santa Sofia



Símbolo religioso máximo do Império Romano do Oriente, Santa Sofia é testemunha viva da história.

Erguida há quase 1.500 anos em uma região marcada por acontecimentos que mudaram o curso da humanidade, resistiu a guerras e terremotos.

Durante muito tempo, os habitantes da antiga capital do Império Romano do Oriente, Constantinopla (que hoje se chama Istambul e pertence à Turquia), acreditavam que a monumental Catedral de Santa Sofia tivesse sido erguida pelas mãos de Deus. Eles duvidavam que os homens pudessem ter construído uma obra daquele porte, marcada por linhas curvas e um grande domo. Mas foi, e em apenas cinco anos. Para inscrever seu nome na história, o Imperador Justiniano (482 - 565) decidiu construir uma série de edifícios e, em 532, começaram as obras de Santa Sofia. Em 537 já era inaugurada, repleta de colunas, galerias, mosaicos, mármore trazido de todas as partes do mundo e relevos com detalhes em marfim, ouro e prata.

Marcas da história

A catedral chegou superou diversas armadilhas do tempo. Vinte anos após sua abertura, foi devastada por um terremoto, que exigiu cinco anos de reconstrução. No século XIII, foi saqueada em meio as cruzadas. Quando Constantinopla foi conquistada pelos muçumanos, em 1453, Santa Sofia tornou-se uma mesquita e recebeu as quatro torres, chamadas minaretes, que se tornaram seu símbolo. Em 1936, após mudanças políticas na Turquia, a catedral virou um museu, deixando de ser um espaço só religioso.

Detalhismo

As colunas de Santa Sofia foram adornadas com diversos tipos de mármore trabalhado, procedentes da bacia do Mar Mediterrâneo

Iluminação

O domo principal foi rodeado por uma série de janelas que permitiram a passagem da luz, efeito que deu um brilho especial à catedral.

Localização

Istambul, ao noroeste da Turquia.

Diâmetro do domo central

33 metros

autores

O projeto de Santa Sofia é do arquiteto Isidoro de Mileto e do matemático Antêmio de Tralas.

Centro Histórico de Varsóvia



Varsóvia é caso único na história arquitetônica: absolutamente devastado após o fim da Segunda Guerra Mundial, seu centro histórico foi totalmente reconstruído a partir de pinturas antigas, resgatando tempos áureos da capital polonesa.

Pouco antes do final da Segunda Guerra mundial, o ditador alemão Adolph Hitler afirmou: “Varsóvia, agora, não é mais que um termo geográfico na Europa”. Antes da invasão do exército alemão, porém a história da cidade já registrara muitos outros ataques. A partir do século XVIII, a atual capital da Polônia havia sofrido uma série de invasões e destruições, especialmente russas. A obstinação de seu povo sempre fez com que Varsóvia se reerguesse.

Mas o avassalador ataque de 1939 foi cruel: seus moradores acordaram com os intensos bombardeios da manhã de 1º de setembro e viram soldados alemães tomarem de assalto a cidade. Ao final da Guerra, em 1945, Varsóvia era um amontoado de destroços e registrava milhares de mortos - muitos deles judeus, perseguidos, confinados e exterminados pelos nazistas. O gueto de Varsóvia, por exemplo, chegou a reunir mais de 500 mil judeus e foi palco de um heróico levante em 1943, controlado com brutalidade pelo exército de Hitler.

Árduo resgate

Passado o pesadelo, um meticuloso trabalho de reconstrução foi empreendido. Utilizaram-se

como referência pinturas que mostravam a cidade no século XVII, durante seu esplendor. Em pouco tempo, tomavam forma novamente a Cidade Antiga e a Cidade Nova. Até mesmo o Castelo Real, onde os reis poloneses moraram, foi levantado na Cidade Antiga. Perto dele, colocaram-se as muralhas que existiam nos tempos medievais. Uma das únicas edificações que não sucumbiram por inteiro foi a Igreja de Santa Cruz, onde está guardado, em uma urna, o coração do compositor Fryderyk Chopin (1810-1849). Varsóvia teve de ser reerguida praticamente do zero, mas a missão foi executada com muito êxito.

Localização

Varsóvia, capital da Polônia

Fundação

A cidade surgiu em 966.

Saques

Durante as sucessivas invasões a que Varsóvia foi submetida, valiosos tesouros foram roubados.

Cidade Proibida



Durante quase cinco séculos, este conjunto de palácios, cercado por muros e portões gigantescos, escondeu segredos e intrigas imperiais. Erguida no coração de Pequim, no século XV, a Cidade Proibida foi a residência de 24 imperadores chineses e de sua Corte Repleta de luxo e simbolismo, a grandiosa obra só podia ser admirada a distância pelo povo.

Símbolo maior da época em que os imperadores chineses proclamavam-se “filhos do céu”, a Cidade Proibida constituiu-se em um lugar digno apenas daqueles que acreditavam conduzir as questões terrenas em nome da autoridade celestial. Cercado por muros de quase 10 metros e defendido por um fosso de 52 metros de largura e 3.800 metros de extensão, esse esplêndido conjunto de palácios, salões cerimoniais e alas residenciais permaneceu fechado ao povo durante 500 anos. Mesmo dentro de seus domínios, o acesso a alguns recintos era proibido pra a maioria dos cortesãos. Concluída em 1420 pelo terceiro imperador da Dinastia Ming, a Cidade Proibida foi uma fortaleza ocupada por sucessivos monarcas, suas esposas, concubinas e milhares de eunucos. Funcionou como o centro do poder chinês até a queda da Dinastia Qing, em 1911, quando ocorreu a Proclamação da República.

Unindo céu e terra

A Cidade Proibida é puro simbolismo. De um intenso colorido, sua arquitetura é uma combinação primorosa entre formas quadradas, que representam a terra, e redondas, que simbolizam aos céus. Dispostas simetricamente ao redor de um eixo central que abriga os três pavilhões do trono, suas construções refletem a busca de integração entre o homem e o cosmos, que caracteriza a civilização chinesa.

Eternos Guardiães

Os pátios são guardados por leões dourados, símbolo maior da realeza. Há ainda estátuas do dragão imperial, o animal mais amado na China.

O Trono

O luxuoso trono estava voltado para o sul. Os chineses evitavam o norte, “a terra da escuridão, de onde vinham os estrangeiros”.

Localização

Centro de Pequim, capital da China, no Extremo Oriente.

Período de Construção

De 1406 a 1420

Números

800 edifícios, 200 mil pessoas envolvidas na construção.

Convento de Nossa Senhora da Penha



Encravado no alto de um morro, a 154 metros acima do nível do mar, encontra-se uma das mais belas obras arquitetônicas da época do Brasil Colonial e um dos principais monumentos religiosos do estado, e ponto de atração turística: o Convento de Nossa Senhora da Penha, popularmente conhecido como “Convento da Penha”.

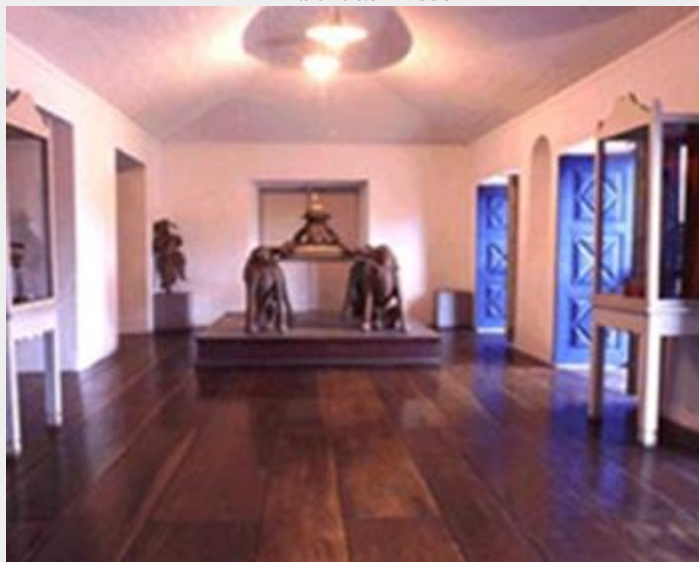
Localizado na cidade de Vila Velha, no Espírito Santo, o convento data de 1558, quando foi construída uma capela para abrigar um painel da santa trazido de Portugal pelo Frei Francisco Pedro Palácio. A edificação da “ermida das palmeiras” foi erguida por volta de 1560.

No interior do Convento podem ser encontradas inúmeras obras, algumas trazidas de Portugal, outras, como o painel a óleo de Nossa Senhora dos Prazeres, de origem desconhecida. O turista pode visitar também o Museu do Convento, que possui objetos, vestimentas e demais artefatos religiosos utilizados pelos primeiros frades. Há ainda um caminho de pedra, que sobe para o Convento, entalhado à faca no coração da mata pelos índios daquela época.

Além do aspecto religioso, o Convento da Penha impressiona pela magnífica vista, convertida em cartão postal do Estado do Espírito Santo. Do alto de sua edificação, pode-se vislumbrar de um lado a cidade de Vila Velha e, do outro, Vitória e a Ponte 3, que interliga as duas cidades. Ao fundo, reina, majestoso, o Oceano Atlântico.

Desde 1651, quando teve início a construção de um pequeno convento junto à capela, o Convento de Nossa Senhora da Penha já passou por inúmeras reformas, principalmente devido à ação do vento e do sal e tem sido mantida em boas condições.

Embu das Artes



A cidade de Embu tem suas origens na antiga aldeia M'Boy, criada pelos padres da Companhia de Jesus na primeira metade do século XVII. M'Boy, Boy, Bohi , Bohu , Emboi , Alboy , Embohu . Diversas grafias foram registradas por Sérgio Buarque de Holanda para a palavra indígena que nomeava a extensa região onde surgiu a aldeia. Diz a lenda que o nome M'Boy - cobra em tupi-guarani - foi dado para homenagear um índio que salvara da morte o padre Belchior de Pontes, figura fundamental na história da aldeia. Pouco depois, o índio morreu picado e envolvido por uma grande serpente. Segundo Leonardo Arroyo, o termo M'Boy vem de Mbeû, que significa coisa penhascosa , agrupamento de montes, coisa em cachos ou cacheados.

De qualquer modo, era nessas terras montanhosas, que ficava a fazenda de Fernão Dias Pais - tio do famoso bandeirante caçador de esmeraldas - e Catarina Camacho, sua mulher. Em 24 de janeiro de 1624, o casal doou a propriedade aos jesuítas, incluindo os muitos índios que aldeara em torno da sede. Duas condições foram impostas por Catarina Camacho para efetivar a doação: o culto ao Santo Crucifixo e a festa de Nossa Senhora do Rosário, a quem a pequena capela da fazenda era dedicada.

A doação era bem conveniente aos jesuítas, que, atacados por índios na aldeia de Maniçoba, próxima de Piratininga (vila que deu origem à cidade de São Paulo), procuravam um lugar mais seguro para prosseguir com sua missão de catequizar o gentio. A nova aldeia, além de estar mais afastada do núcleo de Piratininga, ficava na confluência dos caminhos que levavam ao mar e ao sertão, um ponto estratégico.

Uma vez instalados, os padres iniciaram o trabalho de catequese dentro dos moldes de outros aldeamentos jesuíticos. O princípio básico era fixar os índios em torno das igrejas e colégios, protegendo-os da escravidão. Em troca, o gentio tinha que se submeter à nova disciplina que, na maior parte das vezes, entrava em choque direto com a cultura indígena. Além de se adequar à moral religiosa católica, que permitia um único casamento, os índios transformavam-se em agricultores sedentários.

Talvez por problemas de adaptação dos indígenas ao novo modo de vida, no fim do século XVII e início do XVIII, o padre Belchior de Pontes, então diretor da aldeia, resolve mudá-la para outro lugar não muito distante. Segundo relata o padre Manuel Fonseca no livro 'A Vida do Venerável Padre Belchior de Pontes', a nova aldeia ficava assentada num plano cercado de riachos que produziam peixes miúdos em tal quantidade, que podiam ajudar muito a sustentação dos índios. No novo local, o padre Belchior de Pontes ergueu também uma nova igreja, maior que a anterior, conservando a invocação a Nossa Senhora do Rosário.

Em meados do século XVIII, a aldeia contava com 261 índios e apresentava sinais de prosperidade, destacando-se entre as demais. Já havia sido construída a residência dos jesuítas, com ajuda dos índios. Além da mandioca, trigo e legumes, produzia-se algodão, que era fiado e tecido ali mesmo pelas índias. Há registros de exportações para Rio de Janeiro e Bahia em 1757. Uma outra peculiaridade da aldeia era a existência de uma banda de música, bastante respeitada na região. Composta de índios guaranis, que dedicavam duas horas da manhã e duas horas da tarde aos ensaios, a corporação musical participava de missas e procissões, se apresentando em localidades próximas.

Em 1760, os jesuítas foram expulsos do Brasil por ordem do Marquês de Pombal e a igreja do Embu passou para os cuidados do clero diocesano. A população indígena começou a se dispersar e, em 1873, restavam apenas 75 índios e mestiços habitando o lugar.

Desde o início do século XIX, a aldeia já estava em franca decadência. Permaneceu na obscuridade até nos anos 20 deste século, quando Duarte Leopoldo e Silva determinou a primeira recuperação da igreja. Em 1939 e 1940, o conjunto jesuítico - que compreende a Igreja Nossa Senhora do Rosário e a residência dos jesuítas - foi considerado Patrimônio Nacional e restaurado pelo SPHAN (atual IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Farol de Alexandria



Com seu brilho intenso que podia ser visto a 50 km, o Farol de Alexandria foi durante séculos a mais alta construção habitável do planeta. Uma obra digna daqueles que o ergueram, o não menos brilhante povo do império de Alexandre, o Grande.

Capital da sofisticação, a Alexandria do século IV esbanjava obras esplêndidas, à altura de seu fundador, o imperador Alexandre, o Grande. O Farol de Alexandria causou tamanha impressão que o nome da ilha onde ele estava instalado, Farol, passou a designar as construções que iluminam o caminho das embarcações no mar. Erguido durante o governo do sucessor de Alexandre, Ptolomeu II, em 280 a.C., foi o maior farol de todos os tempos.

Cidade sobre o mar

O farol era uma verdadeira cidade, habitada pelos trabalhadores que o mantinham aceso e pelos soldados que o protegiam. Os suprimentos de água e comida chegavam por uma passarela que ligava a ilha ao continente. A água potável ficava armazenada num reservatório subterrâneo. Na parte inferior da construção, uma estrebaria abrigava os animais que carregavam a madeira necessária para alimentar a chama do farol. Rampas conduziam até a câmara da fogueira que não tinha paredes externas, permitindo a circulação de ar para manter as tochas acesas. Coroando a obra, uma estátua de Zeus, o todo poderoso deus grego. No século XIV, um violento terremoto derrubou o farol depois de mais de 1.500 anos de vida.

útil. Nos anos de 1990, a equipe do arqueólogo francês Jean Yves Empereur encontrou rochas no fundo do mar que podem ter pertencido à construção. É a ciência moderna trazendo à tona um passado glorioso.

Alexandre, o Grande

Ele foi de fato um “vencedor de heróis”, conforme o significado de seu nome. Em 11 anos, construiu um império de 9 milhões de km².

Helenismo

Resultado do encontro entre a cultura grega e o Oriente, Alexandre, o Grande, foi seu maior difusor e Alexandria, seu melhor exemplo.

Biblioteca

Possuía 700 mil rolos de pergaminhos - os livros da época. Era o maior acervo do mundo. Em seu lugar foi construída esta biblioteca.

Localização

Alexandria situa-se ao norte do Egito, às margens do Mar Mediterrâneo.

Altura do Farol

Aproximadamente 135 metros.

Material Empregado

Granito - alguns blocos pesados até 75 toneladas - revestido de mármore.

Forte e Jardins de Lahore



Por quase dois séculos, sucessivos imperadores mongóis construíram e embelezaram a cidade de Lahore. Seus romances e suas tragédias estão traduzidos nas suntuosas decorações do forte e dos jardins mais belos do Paquistão.

Banhada pelo Rio Ravi e localizada em uma fértil planície, Lahore cresceu e se tornou uma das cidades mais importantes do sul da Ásia sob a dinastia dos imperadores mongóis (muçulmanos indianos). Por quase 20 anos, eles contribuíram para embelezar palácios e monumentos de Lahore. Cercadas por um grande muro fortificado, as edificações são uma verdadeira fusão das tradições muçulmanas, hindus e persas. Prova disso é a diversidade de materiais empregados: mármore, arenito vermelho, xisto coloridos, que junto compõem um visual deslumbrante.

Centro Artístico

Não se sabe ao certo o início das construções, mas em 1526 Akbar, considerado o maior imperador mongol, dedicou-se à ampliação do Forte de Lahore. Akbar ficou no poder por mais de 40 anos e chegou a emparedar viva na muralha do forte uma bailarina por quem seu filho, Jahangir se apaixonou. A tristeza e a obsessão do príncipe fez com que, ao se tornar rei, construísse um imenso palácio dentro do forte em homenagem à amada. No início do século XVII, o rei Shah Jahan edificou os espetaculares Jardins de Shalimar a 8 km do forte. Em 1857, o exército britânico dominou o vale. Os muçulmanos só tomaram a cidade de volta em 1916.

Atualmente, Lahore é a segunda maior cidade do Paquistão e o grande centro artístico e cultural do país.

Mesquita Badshahi

Com suas três cúpulas em formato de bulbo e construída com arenito vermelho, é o mais importante templo de Lahore.

Palácio dos Espelhos

É uma das edificações mais belas do forte, com todas suas paredes decoradas com milhares de fragmentos de espelho formando desenhos.

Riqueza em Detalhes

Algumas paredes internas do forte destacam os motivos florais em cores vivas, que sobressaem das molduras em formato de arco.

Localização

Lahore situa-se no Paquistão centro-sul da Ásia.

Religião

Muçulmana

Área do Forte

160 mil metros quadrados

Forte Vermelho



Construído sob as ordens de Shah Jahan, o imperador responsável pela criação do Taj Mahal, este é mais um belo exemplo da arquitetura indiana. Um viajante do século XVII chegou a se referir a ele como uma maravilha superior às prometidas no paraíso.

As pedras vermelhas usadas nas paredes deste monumental conjunto arquitetônico indiano não são as mais preciosas, mas influenciaram diretamente seu nome: Red Fort (Forte Vermelho). Localizado na região conhecida hoje como Velha Delhi, foi construído no século XVII. Na época, o soberano era Shah Jahan, o construtor do Taj Mahal. Após a morte da esposa, o rei decidiu transferir de lugar a capital do reino, até então sediada em Agra. Não poupou esforços nem recursos na tarefa de criar a cidade real. Palácios adornados de ouro, prata e pedras preciosas, ladeados por jardins das mil e uma noites, ganharam vida a partir dos desenhos dos arquitetos reais. As riquezas e parte da construção, entretanto, não resistiram aos saques e à deterioração. Ainda assim, o muito que restou do Red Fort ainda permite vislumbrar a opulência daqueles tempos remotos.

Símbolos do Poder

Ao todo, 11 palácios (mahais) ocupavam seu interior. O destaque eram os salões para audiências, onde o imperador recebia oficiais e embaixadores estrangeiros. Em um deles, uma inscrição não deixa dúvidas sobre a opinião de Shah Jahan: “Se há um paraíso na Terra, é esse!” Mas um dos maiores símbolos da realeza - um trono em formato de pavão, cravejado

de pedras preciosas - não está mais ali. O artefato, que levou sete anos para ser feito, foi roubado e levado para a Pérsia em 1739.

Pearl Mosque

A pequena mesquita de mármore foi agregada a Red Fort em 1663. A iniciativa foi de Aurangzeb, filho e sucessor de Shah Jahan.

Jama Masjid

A mesquita, construída sob as ordens de Shah Jahan, próxima a Red Fort, é a maior da Índia. Foi erguida entre 1644 e 1658.

Lord Curzon

Vice-rei da Índia no início do século XX, apoiou a recuperação dos jardins e de algumas obras de arte de Red Fort.

Localização

Nova Delhi, capital da Índia

Data da Construção

Entre 1638 e 1648

Destaques

Mumtaz Mahal (museu), Rang Mahal (Palácio Pintado) e Khas Mahal (Morada do Imperador).

Grutas Mogao



Situadas num ponto estratégico ao longo da Rota da Seda, um local importantíssimo para o comércio assim como de influências intelectuais, culturais e religiosas, os 492 santuários em cavernas e grutas em Mogao são famosos pelas suas estátuas e pinturas rupestres, abrangendo cerca de 1000 anos de arte budista.

As Grutas de Mogao, situadas nos arredores da cidade de Dunhuang (no noroeste da China), contém 735 covas com mais de 45.000 metros quadrados de pinturas murais, o que as tornam

o maior conjunto de arte budista do mundo.

Também conhecidas como as "Cavernas dos Mil Budas", as Grutas de Mogao foram escavadas no ano de 366 D.C., (durante a dinastia Jin do Leste) na encosta da montanha Mingshashan, e se estende, de norte a sul, por quase dois quilômetros. Ao mesmo tempo em que se esculpam as esculturas exteriores, as covas interiores iam sendo preenchidas com as estátuas dos budas.

Os murais com temas budistas, mostram narrações dos sutras e representações de budas e personagens mitológicos oriundos da Índia, Ásia Central e outras partes da China.

As Grutas de Mogao, consideradas pelos peritos como uma "Enciclopédia da Idade Média" (séculos IV a IX), foram incluídas na lista do Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, em 1987.

Nos 20 anos seguintes ao descobrimento desse precioso achado, desapareceram cerca de 40 mil passagens dos sutras, assim como incontáveis murais e esculturas. Como consequência das expropriações, na China só se conserva a terceira parte do que originalmente havia nas cavernas.

A erosão natural provocada pelo vento, pela chuva, pelas tempestades de areia, assim como os danos causados pelas próprias pessoas, têm afetado gravemente os delicados afrescos, que sofrem com mudanças na coloração e na sua estrutura.

Com o objetivo de proteger este valiosíssimo legado humano, a Academia de Dunhuang da China trabalha para introduzir o programa "Dunhuang Digital", no qual também participam organizações e centros de pesquisa do Reino Unido, França, Rússia e Estados Unidos.

Guggenheim de Bilbao



Construído em apenas quatro anos, o Museu Guggenheim de Bilbao, na Espanha, é uma obra de arte por si só. Além disso, guarda em seu interior um acervo de inestimável valor. Inaugurado em outubro de 1997, o museu tem cerca de 24 mil metros quadrados e foi edificado em um trecho desativado da zona portuária da cidade. O projeto é do renomado arquiteto norte-americano Frank O. Gehry. Seus prédios irregulares são entrecortados, formando um conjunto de tamanho descomunal. Na entrada principal, o visitante é surpreendido por uma série de degraus que, em vez de subir, descem para um nível inferior, acompanhando o relevo da região. Dentro dos 11 mil metros quadrados de galerias, divididas em três níveis e iluminadas com luz natural, estão espalhadas exposições de arte do século XX. No telhado, uma forma metálica, parecida com uma flor, unifica o deslumbrante projeto.

O mais ousado

O Guggenheim de Bilbao é o terceiro museu administrado pela Fundação Guggenheim - os outros são o de Nova York, nos Estados Unidos, e o de Veneza, na Itália. O espanhol, contudo, é o que ostenta a arquitetura mais criativa e ousada. Entre os materiais utilizados na construção, destaca-se o revestimento em titânio. O brilho desse material dá um ar de imponência ao museu, que pode ser avistado de longe. A abundância de vidros e pedras completa a arrojada arquitetura. O autor da obra descreveu o museu como um

“antimonumento”. De qualquer forma, o Guggenheim é uma verdadeira obra de arte contemporânea.

Curvas sinuosas

O museu é intercalado por formas octogonais e diversas escadas e passarelas curvilíneas, bem iluminadas pelas diversas janelas de vidro.

Frank O. Gehry

Nascido na Califórnia, Estados Unidos, é um dos mais conceituados arquitetos da atualidade. Também tem obras no Japão e na Europa.

Localização

O Museu Guggenheim de Bilbao fica na cidade de mesmo nome, na região basca, ao norte da Espanha.

Número de galerias: 19

Altura máxima: 50 metros

Ilha Fiscal



Uma pérola incrustada nas águas turvas da Baía de Guanabara. Essa é a mais poética definição para a Ilha Fiscal. Não há quem atravesse a baía, que se mantenha indiferente à beleza do castelo estilo gótico projeto por Del Vecchio. Cenário do último grande baile do Império, realizado em 09 de novembro de 1889, a Ilha Fiscal chama a atenção na paisagem e, tendo sido definida pelo Imperador D. Pedro II como Um estojo delicado digno de uma brilhante jóia.”

Disputada no século XIX pelos ministérios da Marinha e da Fazenda - o primeiro querendo instalar um posto de socorro marítimo e o segundo, um posto aduaneiro -, a então Ilha dos Ratos ficou sob a guarda da Fazenda. Em 1881, teve início a construção de um edifício dedicado à fiscalização alfandegária, com projeto assinado pelo engenheiro Adolpho José Del Vecchio. Pouco tempo depois, a ilha foi visitada por D. Pedro II. Conta-se que, encantado com

a magnífica vista da baía, o Imperador considerou-a um "delicado estojo, digno de uma brilhante jóia". Del Vecchio, então, admirador do estilo gótico, projetou um castelo inspirado nas construções francesas do século XIV. O projeto recebeu Medalha de Ouro ao ser apresentado na exposição da Escola Imperial de Belas Artes.

Em 27 de abril de 1889, a obra foi inaugurada com a presença do Imperador, utilizando-se no transporte a famosa Galeota Imperial, hoje exposta no Espaço Cultural da Marinha. Da construção, sobressaem o excepcional trabalho em cantaria, executado por Antônio Teixeira Ruiz, os mosaicos do piso do torreão, obra de Moreira de Carvalho, na qual foram utilizadas mais de uma dezena de espécies de madeira, além das belas agulhas fundidas por Manuel Joaquim Moreira. Também merecem destaque a pintura decorativa das paredes de autoria de Frederico Steckel, o relógio da torre e a magnífica coleção de vitrais importados da Inglaterra.

Kremlin e Praça Vermelha



Às margens do Rio Moscou ergue-se o Kremlin, onde o destino da Rússia é decidido desde o século XII. A colorida Praça Vermelha, a seu lado, é como uma passarela, pela qual já desfilaram democracia e autoritarismo.

Até a década de 1980, quem passeasse pela Praça Vermelha e observasse os altos muros do Kremlin sentia, no mínimo, um arrepio de medo. O cartão-postal de Moscou, capital da Rússia, era um dos centros de decisões da guerra (para sorte do mundo, apenas diplomática) que a então União Soviética travou com os Estados Unidos a partir dos anos de 1950. Passado o susto, o Kremlin é hoje o centro do governo russo e, mais do que isso, um opulento conjunto arquitetônico, construído por ordem dos imperadores que o habitaram desde o século XII.

Tempo de glórias

O Kremlin começou a tomar a forma atual a partir do final do século XV, durante o reinado de Ivan III (1440-1505). Os czares que o sucederam fizeram uma série de remodelações e atualmente em seu interior há alguns palácios, entre eles o das Facetas, inaugurado em 1941, e o Grande Palácio do Kremlin, concluído em 1849. Três magníficas igrejas dão o tom religioso à fortificação, enquanto museus relatando a história russa mantêm o caráter cultural. Um de seus portões dá de frente para a Praça Vermelha, construída por obstinação de Ivan IV, o Terrível (1540-1584), que não teve piedade de arrasar casas, igrejas e tabernas para pô-la de pé. No final da praça reluz a fantástica Catedral de São Basílio, erigida em 1550 e que tem como símbolos domos coloridos. Também na praça há um mausoléu onde está enterrado Vladimir Lênin (1870-1924), um dos líderes da Revolução Russa de 1917, ano em que os comunistas chegaram ao poder. Sem dúvida, um belo local de descanso.

Detalhamento

As cúpulas douradas são características da arquitetura russa. Esta, da Catedral de Salvador, tem uma cruz delicadamente trabalhada.

Poder

Um dos mais famosos czares russos, Pedro, o Grande, era o dono desta pesada coroa. Ela figura em destaque no Museu das Armaduras.

Cama Real

Está em exposição em uma das inúmeras salas do Kremlin, que nos tempos áureos era um quarto destinado aos czares.

Perfil

Localização: Moscou, capital da Rússia

Área: 280 mil metros quadrados

Recordes: O Kremlin guarda o maior sino do mundo, com 204 toneladas, e o maior canhão, com mais de 44 toneladas.

Maosoléu de Halicarnasso



Se a importância de um governante fosse medida pela construção de grandes edifícios, com certeza Mausolo seria um dos maiores dirigentes de todos os tempos. Seu nome está diretamente relacionado as sete maravilhas da antiguidade e também ao termo “mausoléu” - que significa tumba. Cinco dos mais renomados artistas gregos trabalharam na obra iniciada antes da morte do governante em 353 a .C ., em Halicarnasso . Enquanto quatro esculpiram as obras dispostas em cinco fileiras ao redor da construção, o quinto se dedicou a figura de bronze que coroava o mausoléu: o próprio Mausolo , puxando uma carruagem com quatro cavalos.

Dois frisos mostrando cenas de batalhas e 36 colunas completavam a exuberante decoração.

Mausolo morreu antes de ver a sua obra terminada.

Artemísia, sua esposa, levou a tarefa até o fim, imprimindo mais esplendor a bela cidade de Halicarnasso , fundada por seu marido. O mausoléu resistiu ao fim do Império Persa, mas não ao ataque dos hospitalários , cavaleiros que lutaram nas cruzadas e mantinham um hospital em Jerusalém para abrigar peregrinos. No século XVI, eles demoliram o monumento e utilizaram o mármore em um castelo. Em 1857, foram encontradas algumas ruínas, resgatando o passado glorioso da cidade de Halicarnasso e uma história quase lendária.

- Outra versão sobre a construção do mausoléu conta que Artemísia, esposa de Mausolo , teria idealizado a obra, após ter ficado viúva.

Localização

Bodrum , antiga Halicarnasso , situa-se na costa sudoeste da Turquia.

Área do Mausoléu

1.216 metros quadrados

Dimensões

38 metros de comprimento X 32 metros de largura X 45 metros de altura.

Meteora



Historicamente, os monges são conhecidos por viver longe da civilização. No topo das rochas de Meteora, além de conseguirem o isolamento tão procurado, construíram mosteiros em um dos lugares mais inusitados do planeta.

É difícil andar pelo vale em que se localiza Meteora, na planície de Tessália, norte da Grécia, e não ser invadido por uma profunda sensação de paz. Ainda mais quando se pensa que há alguns séculos ecoavam vigorosos cantos, vindos do topo dessa paisagem mística. Eram as orações dos monges, enclausurados nos mosteiros à beira do céu, em seu propósito único de devoção a Deus. Desde o século XII, religiosos que procuravam retiro espiritual encontraram em grutas nas montanhas de Meteora o local perfeito. Por volta de 1350, o monge Atanásio fundou o principal mosteiro, o Grande Meteoro. Mais 23 vieram na seqüência. Para alcançá-los, era preciso escalar uma escada improvisada, ou ser alçado por uma rede. A aventura de subir e descer não parece ter sido das mais agradáveis, de acordo com as descrições dos visitantes que passaram por essa experiência. Hoje, degraus esculpidos nas rochas e estradas tornam o acesso aos seis mosteiros restantes bem mais fácil. O movimento turístico, no entanto, causou uma fuga de monges.

Origem dos picos

Os curiosos picos de Meteora originaram-se a partir de uma formação rochosa - mistura de cascalho durão, chamado conglomerado, e arenito - que encobria a região e foi engolida por um leito de mar, há 60 milhões de anos. Movimentos sísmicos, então, empurraram esse leito para cima, formando um platô alto e largo. A erosão pelo vento, pela água e as diferenças de temperatura provocaram falhas nesse platô, originando a série de picos. Muitos religiosos, no entanto, preferem acreditar que Meteora é uma das mais belas e perfeitas obras de Deus.

Santo Estéfano

É o único convento de Meteora, de onde se obtém uma vista privilegiada da região. Na igreja,

há pinturas nas paredes datadas de 1545.

Arte Sacra

O Mosteiro Varlaam guarda importantes relíquias religiosas, como cruzeiros talhados em madeira e mosaicos com temas clássicos.

Localização

Próximo a Kalabáka, ao norte da Grécia.

Significado

A palavra grega “Meteora” quer dizer “coisas que pairam no ar”.

Altura

O maior pico em que se localiza um mosteiro tem 549 metros. O menor, 305.

Monumento a Washington



O Monumento a Washington, localizado na capital norte-americana, no centro do National Mall , é o maior obelisco do mundo. Segundo dizem , o obelisco foi criado pelos maçons, em homenagem ao primeiro presidente dos Estados Unidos.

Construído em memória de George Washington, entre 1848 e 1888, é todo feito em mármore branco, sendo o seu interior de granito. Possui 185 metros de altura. Dispõe de um acesso interno com elevação até os 150 metros de altura onde é possível observar toda a região e parte da cidade. A parte superior da pirâmide é coberta de alumínio. Pesa 82.421 toneladas,

dispostas em 36.491 blocos. O seu custo total dói de 1,2 milhões de dólares.

O Monumento a Washington é a característica mais proeminente na paisagem da capital americana, que se ergue majestoso sobre o Lago da Reflexão. A melhor forma de admirá-lo é a partir dos degraus do Monumento a Lincoln, no lado oeste do Mall, de onde pode-se apreciar a imagem do obelisco refletida na água. No seu interior, é possível tomar o elevador até o piso superior, de observação, localizado a 150 metros de altura. Na volta, o interessante é descer pelas escadas, para ter a oportunidade de visitar o interior do monumento e, ao mesmo tempo, fazer um bom exercício.

Entre os mais ortodoxos, acredita-se que o obelisco seja um objeto de adoração dos maçons e que, no caso do Monumento a Washington haja algumas conotações de ordem mística aliadas a sua construção.

Independente de questões herméticas, o monumento impressiona pela grandiosidade e, após ter sido episódio de ameaças de bombas, tem hoje a sua segurança reforçada.

Ouro Preto



Com muito ouro, talento humano e fé religiosa, Ouro Preto se firmou como o principal centro da arte colonial brasileira. Suas vielas tortuosas, ladeiras e escadarias, todas situadas na mais alta montanha de Minas Gerais, revelam um acervo de preciosidades ao ar livre.

Encravada em um conjunto serrano de mais de 1.000 metros de altitude e a cerca de 100 km de Belo Horizonte, Ouro Preto é uma das cidades históricas mais importantes do Brasil. Suas construções, casarios e igrejas, dispostas nas estreitas ladeiras de pedra, são exemplares da arte barroca, que dominou o Período Colonial do Brasil. Estilo rico em detalhes e carregado de ornamentos, sua arte e arquitetura podem ser visualizadas no interior de suas igrejas.

Espalhadas por suas montanhas, elas apresentam fachadas simples. Mas são repletas de pinturas, obras de arte e ouro talhados no seus altares e paredes internas. As vistosas residências coloniais também denunciam uma cidade antiga e rica.

De Vila Rica a Ouro Preto

Sede do mais importante movimento político pela independência do Brasil - a Inconfidência Mineira - Ouro Preto tornou-se conhecida em função da descoberta do ouro pelos bandeirantes no final do século XVII. Atraídas pelo metal, muitas pessoas foram morar na região. Em 1711, a cidade de Vila Rica foi fundada e, em 1823, foi rebatizada de Ouro Preto, transformando-se no centro artístico e cultural do império. Em 1933, foi nomeada "Monumento Nacional" pelo ex-presidente Getúlio Vargas. Em 1981, foi a primeira cidade brasileira declarada patrimônio cultural da humanidade pela Unesco.

Teatro Municipal Rio de Janeiro



Entre a Avenida Rio Branco e a Rua Treze de Maio, com sua fachada imponente, em estilo Renascentista, voltada para o mar, o Teatro Municipal avulta num deslumbramento de ouro e mármore, de cristais e vitraux. Em noites de espetáculo, o visitante pode sentir algo do glamour que o teatro ostentava à época de sua inauguração, sendo, ainda hoje, um dos mais imponentes ícone arquitetônico da cidade do Rio de Janeiro e um dos seus mais belos e ilustres cartões postais.

Situado, provavelmente, como o mais belo teatro do país, Teatro Municipal do Rio de Janeiro, possivelmente o mais belo teatro do país, foi inaugurado a 14 de julho de 1909 e tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico em 1973. O projeto arquitetônico, de estilo eclético, é de autoria de Francisco Oliveira Passos, com a colaboração de Charles Garnier. O desenho do prédio foi inspirado no da Ópera de Paris. Todo o material na construção foi importado da Europa: mármore, ônix, bronze, cristais, espelhos, mosaicos, vitrais, maquinaria do palco. O

Teatro ostenta uma ornamentação requintada com bronzes dourados, vitrais, lustres de cristal, mosaicos, colunatas e escadarias de mármore. As grades dos salões foram projetadas em estilo “Art Nouveau”.

“Decorridos 91 anos de sua inauguração, o Theatro Municipal já passou por uma série de reformas. A principal delas foi em 1934. O pano de boca, uma das peças mais ricas do Theatro, e que apresentava muitos sinais de deterioração, decorrentes da poluição, umidade e da ausência de um programa de preservação permanente estavam impedindo que esta grande obra pudesse ser admirada na sua plenitude. A atmosfera urbana poluída do centro do Rio de Janeiro fez com que as cores claras e vibrantes da paleta de Visconti ficassem escuras e sem brilho, perdendo o impacto visual pleno e a capacidade de sugerir a profundidade ilusória da perspectiva. A umidade estava provocando o desprendimento da tinta. Com os anos, de forma lenta, mas constante, a pintura estava perdendo partes importantes da sua iconografia, rica em imagens históricas e simbólicas. Somavam-se a estas falhas na tinta uma série de grandes rasgos que tornavam personagens importantes totalmente irreconhecíveis. Como consequência do crescimento da cidade, sua capacidade foi ampliada, para atender às necessidades do público, cada vez maior”

Mosteiro de São Bento



Quem ainda não teve a oportunidade de assistir à missa conventual solene com canto gregoriano, que acontece todos os domingos, às 10 horas, não deve deixar de fazê-lo. É uma experiência inesquecível, seja você de que religião for. Confesso que cheguei a chorar na primeira vez que a assisti, de tanta emoção. A cerimônia é simplesmente belíssima, assim como são belas as instalações do mosteiro.

Situado no centro do Rio de Janeiro, o Mosteiro de São Bento parece perdido no tempo. No seu interior pode-se transcender à uma época talvez medieval.

Fundado em 1590, por monges vindos da Bahia, o Mosteiro beneditino do Rio de Janeiro foi construído a pedido dos próprios habitantes da recém fundada cidade de São Sebastião. Em pleno Centro da grande metrópole, conserva-se aqui um lugar de silêncio, paz, oração e trabalho, que se traduz em diversas atividades mantidas regularmente.

As duas principais são as celebrações diárias do Ofício Divino e da Missa, com canto gregoriano. Além disso, funcionam dentro da Abadia: o Colégio de São Bento, as Edições Lumen Christi, o Instituto de Filosofia e Teologia, a Casa de retiros de Emaús e a Obra Social São Bento. O Mosteiro mantém também duas casas de retiro e encontros: a Casa de São Bento, no Alto da Boa Vista, e o Sitio Seio de Abraão , em Teresópolis.

O projeto inicial da igreja do Mosteiro é atribuído ao arquiteto militar Francisco de Frias Mesquita , tendo sido provavelmente elaborado entre 1617 e 1618. A parte mais antiga do conjunto é o frontispício com suas três arcadas, que foram levantados entre 1666 e 1669, juntamente com o coro. O interior da igreja é revestido de talha de madeira dourada, em estilo barroco, datando de 1717 o início de sua colocação. A nave central é ladeada por 8 capelas laterais dedicadas ao Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Pilar, Santo Amaro, Santa Gertrudes, São Lourenço, São Brás e São Caetano. Ao fundo, domina a capela-mor, com o coro onde os monges cantam diariamente o Ofício Divino e o grande altar da titular da igreja, Nossa Senhora do Monserrate . Na entrada da capela-mor vê-se o atual altar-mor, onde o celebrante principal oferece diariamente o santo sacrifício da Missa.

É no claustro que os monges se reúnem após as refeições para alegres momentos de convívio fraterno. Fora desses horários, é um local de silêncio, muito propício para a oração contemplativa. No seu centro encontra-se um belo chafariz, ladeado por quatro jambeiros que regularmente cobrem o chão de flores rosadas. Também no claustro são sepultados os monges que partem para o encontro definitivo com o Senhor.

Normalmente, o claustro é fechado à visitação, devido ao seu caráter de lugar de recolhimento, mas em certas datas específicas é aberto aos fiéis que nele entram em procissão. Esses dias são: Domingo de Ramos, Solenidade de Corpus Christi e nas exéquias dos monges.

O Mosteiro está aberto diariamente no horário das 7:00 às 12:00 h e das 14:00 às 18:00 h. Exige-se traje adequado para ingressar no templo, pois este é um lugar sagrado, casa de Deus. A clausura não é aberta à visitação, com exceção de alguns dias no ano, onde os fiéis em procissão têm acesso ao claustro. Os setores em geral, incluindo o Colégio, funcionam no horário comercial.